

ENTRE O PROTAGONISMO E O NEGACIONISMO: REPRESENTAÇÕES DE PESSOAS EM FINAL DE VIDA EM PRODUÇÕES CINEMATOGRAFICAS

MANUELA STIFFT PRZYBYLSKI¹; FRANCIELE ROBERTA CORDEIRO²

¹Universidade Federal de Pelotas – manuela.przybylski@ufpel.edu.br

²Universidade Federal de Pelotas – franciele.cordeiro@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Os termos final de vida e terminalidade não possuem um consenso de definição na literatura, no entanto, a terminalidade se refere a uma doença que não responde mais ao tratamento modificador, com declínio e piora da qualidade de vida, associada a uma expectativa de vida inferior há 12 meses (Cordeiro *et al.*, 2020). Final de vida é o estágio de uma doença em que a morte se torna uma possibilidade real, com rápido declínio, aumento dos sintomas e expectativa de vida inferior há 12 meses (Cordeiro *et al.*, 2020).

De acordo com os princípios da bioética, é importante atentar para a autonomia do paciente durante a terminalidade. Além disso, é indispensável o conhecimento dos profissionais de saúde a respeito dos limites da medicina, compreendendo que o seu objeto de cuidado é centrado no ser humano biopsicoespiritual (Dadalto; Guirro, 2023). Por isso, o cuidado é parte essencial do tratamento, lembrando que enquanto não se pode curar uma doença, ainda há muito a se fazer, fornecendo conforto e suporte (Dadalto; Guirro, 2023).

Nessa direção, o processo de tomada de decisão é um ponto chave na assistência durante o final de vida e a terminalidade, podendo ser dividido em dois momentos, quando a equipe multiprofissional determina as condutas mais adequadas com base no avanço da doença, e o plano de cuidados, que leva em conta a decisão familiar e autonomia do paciente (Copelotti, 2023). Assim, considera-se que a morte digna depende de circunstâncias relativas à autonomia do paciente, como o direito de se autogovernar, deliberar e tomar decisões de acordo com suas próprias crenças e valores (Zanlorenzi; Utida; Perini, 2023).

Em relação aos tratamentos utilizados para pacientes com doenças em estágio terminal, especialmente no câncer, cabe destacar que a personalização de estratégias é indispensável, considerando a individualidade da doença e percepções de cada paciente (Silva *et al.*, 2024). Ainda, a comunicação efetiva entre profissionais da saúde e pacientes é crucial para transmitir a informação correta e também levar em consideração a visão, a compreensão e as preocupações do paciente (Silva *et al.*, 2024).

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo problematizar as questões éticas e bioéticas que permeiam os cuidados em final de vida e na terminalidade, descrevendo duas representações cinematográficas com foco na tomada de decisões, revelando que o protagonismo e autonomia do paciente pode, por vezes, mostrar-se como um desafio quando afeta a qualidade de vida ao empregar práticas duvidosas ou na recusa de tratamentos.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

Trata-se de um ensaio reflexivo realizado entre julho e agosto de 2025, com base no referencial da bioética, a partir de duas produções cinematográficas: “O

quarto ao lado” (The room next door, 2024) e “Vinagre de maçã” (Apple Cider Vinegar, 2025). O ensaio foi construído no contexto de reflexões e discussões tecidas no Grupo de Estudos sobre Adoecimento e Final de Vida (GEAFI), o qual se caracteriza como uma ação de ensino do projeto unificado com ênfase em ensino intitulado “Viver, adoecer e morrer: discussões e investigações sobre cuidados paliativos e final de vida” (Código Cobalto: 8280), da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Privilegiou-se a reflexão a partir de filmes, pois eles permitem analisar comportamentos em certos contextos sociais e em períodos históricos específicos. Eles não são meras produções descontextualizadas e alheias àquilo que circula na sociedade. Isso porque os temas sobre os quais lançam luzes possuem proximidade com o cotidiano das pessoas, representando-as e influenciando as concepções e modos de agir no mundo (Gonzalez; Lockmann, 2024).

A primeira produção - *O quarto ao lado* - aborda a decisão de uma mulher com câncer avançado em pôr fim à própria vida em um contexto em que o suicídio assistido não é legalizado. Para tanto, convence uma antiga amiga a lhe acompanhar nesse processo, não no gesto de provocar a própria morte, mas pelo se fazer presença, de modo a não deixá-la partir só. O filme é marcado pelo uso de cores fortes, por referências a outros filmes, músicas, além de ser atravessado por certo pragmatismo da personagem central em relação ao planejamento e execução da própria morte.

A segunda produção - *Vinagre de maçã* - tem como centro da narrativa a história de duas jovens, uma que tem câncer e desiste de tratamentos convencionais para o controle da doença em detrimento de uso exclusivo de práticas alternativas sem comprovações científicas quanto à eficácia, baseadas no controle e consumo de certos alimentos naturais e a realização diária e repetida de enemas (lavativas intestinais). Como resultado, a doença progride e o desfecho da personagem, além do desfecho de sua mãe - que também descobre um câncer e é influenciada a seguir o mesmo comportamento - é a morte. A outra jovem é uma mulher que finge ter câncer e afirma ter se curado da doença a partir da adoção de dieta específica, divulgada em livro e em mídias sociais, que culminaram em seu enriquecimento. Essa última história foi inspirada em fatos reais.

É possível destacar pontos em comum entre as duas produções, como a tomada de decisão em final de vida, com recusa da ciência, não adotando práticas científicas em detrimento do suicídio assistido - *O quarto ao lado*, ou estilo de vida alternativa - *Vinagre de maçã*. Ambas as representações demonstram, então, um caminho acelerado em direção à morte, através da recusa em adotar um tratamento ou adotando práticas duvidosas.

Além disso, em ambas as produções, não há a presença de Cuidados Paliativos como forma de alívio da dor, sintomas e sofrimento. No entanto, percebe-se o protagonismo das personagens, onde colocar fim à própria vida é o maior ato de condução sobre si mesma, vivendo até o último suspiro, morrer vivendo - e não apenas sobrevivendo. Nesse sentido, Ortega e Zorzaneli (2010), abordam que no contemporâneo os pacientes estão sendo instigados a autogerir sua saúde, sendo capazes de adquirir e consumir conhecimentos e informações médicas, adotando, assim, uma postura ativa no próprio adoecimento, em um processo contínuo de empoderamento, tornando-se protagonistas da própria condição clínica.

Na mesma direção, ao falar sobre empoderamento e protagonismo, é perceptível a presença das mídias sociais, local onde a voz destes pacientes é amplamente propagada. Como exemplo, pode-se citar a página criada no Instagram pela autora do livro *Enquanto eu respirar*, Ana Michele Soares, onde a paciente com câncer terminal dá voz a sua experiência tornando-se protagonista e ativa no tratamento. Em consonância com o descrito, Taylor e Pagliari (2018) afirmam que a morte e o morrer, em geral, são vistos como um tabu na discussão pública, no entanto, a tendência de pacientes com doença em estágio terminal abordarem tal tema abertamente no mundo digital vem aumentando ao longo dos anos.

Além disso, ambas as produções cinematográficas estudadas tratam sobre o câncer. Assim, Bozz e Gomes (2023) destacam as conexões de pacientes com câncer em mídias sociais, afirmando que há certa relação entre o sujeito com câncer e os modos de ser tornarem visíveis, dessa forma, as tecnologias tornam o “ser doente” inteligível, praticável e governável. O paciente torna-se um ponto de saber - e poder - onde a conexão é, por si só, um exercício de poder (Bozz; Gomes, 2023). Tal fato é visto como, até certo ponto, estratégico em questões de cuidados, com compartilhamento de experiências e capacitação, no entanto, é perigoso quando acaba por deixar o público vulnerável a acessar pontos que se afastam do que a ciência traz como confiável.

Por fim, é válido destacar o modo como o negacionismo é abordado nas produções. O negacionismo é um fenômeno que diz respeito ao que é externo, que nega ou ignora a ciência, deslegitimando o que é produzido pelos cientistas. A ciência, por sua vez, é um conjunto metodológico que desconstrói o senso comum, que sustenta-se na objetividade e no trabalho com evidências (Manzoni, 2024). Assim, é preciso tensionar o modo como determinadas práticas ditas “alternativas” circulam em mídias sociais, levando pacientes a descredibilizar a conduta científica, impactando em abreviação da vida e em seu término envolto por sofrimento. Tal tensionamento foi perceptível no filme *Vinagre de maçã*.

Ao mesmo tempo, é necessário questionar o negacionismo em relação à práticas consolidadas e legalizadas, como os cuidados paliativos, em detrimento de práticas que parecem representar uma solução digna, como o suicídio abordado no filme *O quarto ao lado*. Práticas como essa não necessariamente têm respaldo e são indicadas a todos acometidos por doenças que não respondem ao tratamento modificador. Muitos pacientes nessa condição ainda não possuem o mínimo de acesso a cuidados e serviços para aliviar a dor e outros sintomas, podendo ensejar, assim, a morte como recurso mais breve e fácil para tal.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a arte representa a realidade, especialmente na área da saúde. As representações estudadas permitiram observar o impacto do protagonismo de pacientes na terminalidade. No entanto, tal empoderamento deve ser questionado quando traz a recusa do tratamento ou então aponta práticas duvidosas como sendo seguras para um público vulnerável. Assim, percebe-se a influência das mídias sociais ao trazerem o empoderamento na terminalidade, mas também como local perigoso quando colocam em xeque questões éticas que permeiam a vida - e a morte - de pacientes em Cuidados Paliativos, impactando diretamente na qualidade e continuidade do tratamento e dos cuidados.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPLE cider vinegar. Directed by Jeffrey Walker. Created by Samantha Strauss. Netflix, 2025. (521 min).

BOZZ, A.; GOMES, S.H. Conectar e compartilhar: a biossociabilidade de pacientes com câncer. **Interface**, Botucatu, v. 27, p. e220008, 2023.

COPELOTTI, L. Os fins do cuidado: processos de tomada de decisão, suportes avançados de vida e cuidados paliativos. **Anuário Antropológico**, Brasília, v. 48, n. 1, p. 153-170, 2023.

CORDEIRO, F.R. *et al.* Definitions for “palliative care”, “end-of-life” and “terminally ill” in oncology: a scoping review. **Enfermería: Cuidados Humanizados**, Montevideo, v. 9, n. 2, p. 205-228, 2020.

DADALTO, L.; GUIRRO, U. **Bioética e cuidados paliativos**. Indaiatuba: Editora Foco, 2023.

GONZALEZ, A.L.; LOCKMANN, K. A metodologia da bricolagem: uma possibilidade em pesquisas pós-críticas em educação. **Debates em Educação**, Maceió, v. 16, n. 38, p. e16909, 2024.

MANZONI, A. Ciência, não-ciência, anticiência: lutas em torno da saúde pública na pandemia de COVID-19. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 39, p. e39004, 2024.

ORTEGA, F.; ZORZANELLI, R. **Corpo em evidência**: a ciência e a redefinição do humano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SILVA, V.F.B. *et al.* Cuidados paliativos em pacientes oncológicos: estratégias e desafios no manejo da qualidade de vida. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, Macapá, v. 6, n. 8, p. 1919-1933, 2024.

TAYLOR, J.; PAGLIARI, C. #Deathbedlive: the end-of-life trajectory, reflected in a cancer patient's tweets. **BMC, Palliative Care**, Springer, v. 17, n. 17, p. 1-1-0, 2018.

THE ROOM next door. Creator and executive produced by Pedro Almodóvar. Espanha, EUA: Warner Bros, 2024. (107 min).

ZANLORENZI, A.C.; UTIDA, A.R.S.; PERINI, C.C. Aspectos bioéticos relacionados aos cuidados de fim de vida: uma revisão integrativa. **Revista Latinoamericana de Bioética**, Colômbia, v. 23, n. 1, p. 27-43, 2023.